

---

MARTÍNEZ PEREIRO, Carlos Paulo. **A man que caligrafando pensa.**  
A Corunha: Universidade da Corunha, 2010.

Henrique Marques Samyn<sup>1</sup>

De muitos modos é perceptível a (lamentável) distância que ainda separa a literatura galega do Brasil, algo sobretudo notável no que diz respeito aos autores contemporâneos. Se ocasionalmente é possível encontrar quem reconheça o nome de Rosália de Castro (embora dificilmente isso venha a ocorrer fora dos restritos círculos de escritores, pesquisadores acadêmicos ou beletristas – que, mesmo quando reconhecerem o nome da autora de *Cantares galegos*, possivelmente não demonstrarão familiaridade com Pondal e Curros Enríquez, outros protagonistas do *Rexurdimento*), tarefa árdua será encontrar quem possa nomear dois ou três autores mais recentes. Os livros galegos não frequentam as estantes das nossas livrarias; além de alguns esforços isolados de tradução e divulgação, o que encontramos são hercúleas iniciativas de um reduzido conjunto de pesquisadores que buscam revelar ao público brasileiro a riqueza da literatura criada na Galiza.

Entre os nomes cujo desconhecimento mais deve ser lamentado, está, sem dúvida, o de Uxío Novoneyra. Autor prolífico, ferrenho defensor da língua e da cultura galegas, criador de uma obra poética de inegável valor e sentido universal, Novoneyra faleceu em 1999 – e seu desaparecimento apenas serviu para consolidar a sua importância, que culminou com a sua celebração no *Dia das Letras Galegas* de 2010, sustentada pelo amplo movimento que se concretizou num abaixo assinado que viria a reunir mais de mil assinantes de todo o mundo. Como geralmente ocorre, a homenagem a Novoneyra suscitou um conjunto de relevantes publicações em torno de sua obra; entre elas, merece destaque *A man que caligrafando pensa*, de Carlos Paulo Martínez Pereiro.

Ensaísta várias vezes premiado, eminente catedrático da Universidade da Corunha, Martínez Pereiro já publicara anteriormente diversos estudos acerca da articulação entre literatura e plástica, cabendo a menção a dois especificamente relacionados à obra de Novoneyra, publicados no Brasil e na Galiza na série *Estudos Galego-Brasileiros* (organizados por Maria do Amparo Tavares Maleval e Francisco Salinas Portugal). *A man que caligrafando pensa* desenvolve os *insights* apresentados naqueles artigos, em direção a uma abordagem relevante e singularíssima que, a partir da obra de Novoneyra, empreende uma densa investigação sobre a historicidade das relações entre a dialética plástico-literária – desde o “inicial desterro da imagem e a vitória da palavra” (por meio do qual buscou combater as representações idolátricas o cristianismo que, ao longo dos séculos III e IV, oficialmente se consolidava no Império Romano), passando pela clivagem estabelecida entre a poesia (criadora) e a pintura (reprodutora) no âmbito das poéticas setecentistas, até a busca pela fusão das linguagens artísticas empreendida pelas vanguardas e pela busca de uma “obra de arte total”.

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); mestre em Psicologia Social e em Filosofia Moderna e Contemporânea pela mesma instituição.

Para apresentar esse percurso, que servirá como pano de fundo para sua análise da poética de Novoneyra, Martínez Pereiro mobiliza uma quantidade impressionante de informações, cabendo a menção – porque nos interessa em particular – a notável habilidade com que evoca e (argutamente) analisa importantes nomes da poesia brasileira, desde Augusto de Campos e Décio Pignatari até Arnaldo Antunes e Marcelo Saheá; não obstante, a erudição do ensaísta se estende também para a poesia portuguesa e para a sempre desafiadora pintura de Reimundo Patiño, que exerceria marcante influência sobre a obra do poeta do Courel.

O fulcro do estudo – o tratamento da obra caligráfica de Uxío Novoneyra – constitui um exercício analítico de rara perspicácia, demonstrando com densidade e pertinência à inesgotável criatividade e o perene inconformismo de um poeta sempre disposto a reinventar-se. Martínez Pereiro faz virem à tona os diferentes questionamentos, as infinitas alusões e as perspectivas dialógicas subjacentes à escrita de Novoneyra, que assim buscaria, por exemplo, transpor a verbalidade para a representação caligráfica, ou desenvolvendo a poética neotrovadoresca por meio de grafismos medievalizantes. Revela-se especialmente frutífero o modo de exposição adotado, que colhe do vasto *corpus* poético exemplos aproximáveis pela similaridade de recursos desenvolvidos; dessa forma, o ensaísta fornece ao leitor não leituras de obras isoladas, que forneceria apreciações parciais da obra de Novoneyra, mas uma interpretação totalizante, que apresenta adequadamente o multifacetado talento do poeta luguês.

*A man que caligrafando pensa* é, enfim, uma obra produzida com argúcia e exemplar rigor intelectual, que merece ser conhecida não apenas pelos que se dedicam aos estudos em torno da produção literária galega, mas também por todos os que percebem na literatura uma prática dialética, sempre em busca de novas possibilidades e articulações.